



EDUCAÇÃO PERMANENTE E EDUCAÇÃO CONTINUADA: PROPOSTAS COMPLEMENTARES

PERMANENT EDUCATION AND CONTINUING EDUCATION: COMPLEMENTARY PROPOSALS

Marina Patrício de Arruda¹
Izabel Cristina Feijó de Andrade²

Resumo: Este artigo tem por objetivo distinguir para então articular as propostas de Educação Permanente (EP) e Educação Continuada (EC) discussão ainda pouco tratada entre os educadores de um modo geral. Consideramos que as noções de Educação Permanente e Educação Continuada possuem elementos entrosáveis e distintos que permitem desenvolver uma experiência reflexiva sobre o processo de formação do ser humano. A EC quando articulada a EP transcende para a construção de uma identidade profissional consciente possibilitando uma Educação para Inteira que favorece a potencialidade estética, ética, comportamental e sistêmica do ser humano. Pensar um outro modelo de educação capaz de privilegiar o reconhecimento do caráter multidimensional da sociedade e do humano pode ser o primeiro passo rumo à Educação para Inteiraza.

Palavras-chave: Educação Permanente – Educação Continuada - Educação para Inteiraza

Abstract: This article aims to distinguish and then articulate the proposals of Permanent Education (PE) and Continuing Education (CE), a discussion still little addressed among educators in general. We consider that the notions of Continuing Education and Continuing Education have interconnected and distinct elements that allow the development of a reflective experience on the process of formation of the human being. CE, when articulated with PE, transcends to the construction of a conscious professional identity, enabling an Education for Wholeness that favors the aesthetic, ethical, behavioral and systemic potential of human beings. Thinking about another model of education capable of favoring the recognition of the multidimensional character of society and of the human can be the first step towards Education for Wholeness.

Keywords: Continuing Education – Continuing Education - Education for Wholeness

¹ Licenciada em Ciências Sociais, mestre e doutora em Serviço Social (PUCRS) com pós-doutorado em Educação junto ao LEduC (Laboratório Aberto de Educação em Ciências), da Universidade de Aveiro Portugal 2019-2020. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação da Serra Gaúcha (GPFORMA SERRA- UCS) e Grupo de Pesquisa Adultos, Jovens e Educação no contemporâneo, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: profmarininh@gmail.com

² Pedagoga em Educação Especial. Mestre em Educação (UFSC) Dra em Educação (PUCRS). izabelfeijo@icepsc.com.br

Revista Gepesvida

INTRODUÇÃO

Iniciamos esta reflexão destacando que Educação Permanente e Educação Continuada são processos formativos caracterizados pela continuidade das ações educativas, fundamentadas em princípios metodológicos diferentes que, implementadas em conjunto podem fortalecer o processo de formação para o trabalho e para a vida.

Esse artigo³ tem por objetivo de distinguir para então articular as propostas de Educação Permanente (EP) e Educação Continuada (EC) discussão ainda pouco tratada entre os educadores de um modo geral.

Algumas questões iniciais: A articulação entre os processos formativos de Educação Permanente e Continuada amplia a capacidade de agir criticamente proporcionando reflexões sobre nós mesmos, sobre a experiência dos outros e de novas possibilidades de ação tendo por base a atualização de conceitos.

A Educação Permanente em Saúde (EPS) concebida pelos gestores do Ministério da Saúde, adota como pressuposto pedagógico a noção de aprendizagem significativa – aprendizado de algo que faça sentido para os sujeitos envolvidos de modo que os processos de capacitação sejam estruturados a partir da problematização dos processos de trabalho (PINILLA,2018). Nesse âmbito, a educação permanente é entendida como aprendizagem no trabalho, quando o aprender se incorpora ao cotidiano das organizações. O objetivo central dessa proposta é a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, tomando como referência as necessidades de saúde das pessoas e das populações, da gestão setorial e do controle social em saúde, propiciando as seguintes transformações: democratização institucional, desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, desenvolvimento de capacidades docentes e de enfrentamento criativo das situações (ARRUDA et al,2008).

Por outro lado, para Castilho (2000), a educação continuada diz respeito a necessidade de preparar pessoas para o enfrentamento de mudanças e desafios, conciliando as demandas de desenvolvimento pessoal e grupal. Girade et al (2006) dão destaque à necessidade dos profissionais se manterem em processo de aprendizagem

³ Parte desta reflexão foi apresentada no I CONGRESSO INTERNACIONAL "PENSO ONDE SOU": CONHECIMENTOS PERTINENTES PARA A EDUCAÇÃO NA AMÉRICA LATINA ANAIS - Edição 2016 – ISBN 978-85-68386-17-0 Página 603 17/10/2016 – 19/10/2016

Revista Gepesvida

contínua, inserindo-se em programas de educação continuada, procurando, se atualizar na vida profissional na área específica de atuação.

Considerando que as noções de EP e EC possuem elementos distintos mas entrosáveis, buscamos no exercício do diálogo aprimorado explicitar com maior clareza essas duas propostas educacionais que articuladas podem fortalecer nossa capacidade de agir criticamente.

COMPLEXIDADE NA EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS E PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM

O processo formação tem sido objeto de pesquisas e estudos de diversos pesquisadores (ARRUDA, 2012 e 2008; PORTAL, 2012; ANDRADE, 2011; MORAES, 2010) que apontam para a complexidade da profissionalização e a especificidade autoformativa do debate que envolve uma articulação sistêmica. Nesse sentido, também vale destacar que:

A educação, que é complexa por essência, influi e é influenciada pelas partes e aspectos que a define e constitui [...] é urgente repensá-la a partir de uma visão totalizadora que a torne envolvida com as partes e os recortes, mas sempre em função das partes e de um todo uno, múltiplo e complexo, simultaneamente (PETRAGLIA, 1995, p. 16).

Pensar a educação de forma complexa é acreditar que ela possa ser um processo voltado à formação do sujeito cidadão. A exigência da complexidade na forma de pensar a educação passa por uma reforma de pensamento, e pressupõe mudança do sistema de ensino desde a educação primária à universitária, religando saberes o que está disjunto. Tal reforma produzirá um pensamento sistêmico voltado à constituição desse sujeito complexo que possui múltiplas dimensões seja no âmbito político, econômico, cultural, mitológico, religioso, ambiental, enfim, pela biodiversidade dimensional (MORIN, 2005). Ou seja, o real é complexo e nossa mente deve se tornar.

Duarte (2000) aponta que muitos professores ainda veem, de maneira fragmentada, o lema “aprender a aprender”, de acordo com esse autor o slogan é acusado de representar o esvaziamento do trabalho educativo, tendo em vista a depreciação do papel de transmissão do saber e a descaracterização do papel do professor. Dessa forma, há necessidade de retomar a concepção do “aprender a aprender” como um processo

Revista Gepesvida

evolutivo de formação que coloca nas decisões do cidadão contemporâneo a capacidade e a responsabilidade de ser um co-construtor de um projeto de aprendizagem. A ideia de co-responsabilidade não está relacionada ao estabelecimento de um **programa de aprendizagem** que encaminha um diagnóstico das certezas.

O programa não improvisa nem inova, suporta uma dose fraca e superficial de obstáculos em seu desenrolar. O programa necessita de controle e acompanhamento. Por outro lado, a proposição de **estratégias** de aprendizagem tende ao enfrentamento dos desvios e incertezas decorrentes da dinâmica educacional que vai além da transmissão de conteúdo. Morin (2005) discute essas ideias para chamar nossa atenção sobre a necessidade de agir estrategicamente tirando proveito dos erros para se aperfeiçoar. A estratégia necessita não só de controle e vigilância, mas, principalmente, de competência, iniciativa e decisão. Se todo ensino tende para uma programação estabelecida a priori e a vida exige estratégia, se possível, criatividade e arte, resta-nos a alternativa de desenvolver estratégias para seguir aprendendo. A descoberta e a criação dificilmente poderão ser possibilitadas por um programa de ensino conteudista, mas podem surgir em meio à aprendizagem estratégica (MORIN, 2005).

Nesse sentido, podemos pensar que enquanto as atualizações e os programas se alimentam de determinismos, as estratégias alimentam-se, principalmente, de eventualidades, podendo tornar-se inventiva e criativa. “A estratégia não é um meio de ação. É a arte da ação” (MORIN, 2005, p. 257). O autor em questão, apresenta-nos a estratégia como uma inteligência que pode gerar um pensamento que liga e enfrenta os imprevistos. Um tipo de aprendizagem orgânica, que comporta correções, modificações, adaptações dinâmicas, sendo esta a base do processo de autoformação e reflexão capaz de produzir mudanças. A Educação Permanente, por esta fundamentação, vai se desenhando como uma estratégia de ação para enfrentamento de mudanças e imprevistos da vida. A reflexão sobre a prática propicia o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem. É nesse sentido também que a EP pode ser considerada estratégia de renovação da prática por meio da reflexão e da relação de troca entre os professores (ARRUDA et al., 2008). Essa estratégia educacional pode ser compreendida como exigências impostas ao ser humano e à sociedade pelo processo de permanente desenvolvimento e que determinam a necessidade de se estender a ação educativa para

Revista Gepesvida

toda vida, tornando-a um processo permanente.

A Educação Permanente abarca não é somente educação profissional ou qualificação técnica, ela permeia toda a existencialidade humana. Arruda (2012, p. 143) afirma que “ao percebermos a educação permanente como uma estratégia de ação para o enfrentamento de mudanças e imprevistos da vida”, passamos a considerá-la como a própria “educação para a vida, pois é uma maneira de se preocupar com o mundo cercado por incertezas”. A Educação Permanente recria o processo educativo na medida em que cada pessoa pode aprender e compartilhar continuamente. Um processo capaz de produzir mudanças no próprio pensamento e na ação docente e, por isso, é percebida como estratégia de reflexão, de renovação, de trocas, de escuta e acolhimento.

Mas se por um lado a EP se mostra como uma “estratégia de ação”, a Educação Continuada (EC) considerada como “programa ou espaço de retomada de conteúdos, conceitos importantes para a retroalimentação” da prática (ARRUDA, 2008, p. 521), é igualmente importante para a aprendizagem. A EC, inclui a retomada de conteúdos fundamentais para a atualização das profissões e instituições. Estudo desenvolvido por Arruda et al. (2008) mostra a importância de se articular EC e EP – e isso se dá quando se junta o estudo de novos conteúdos e momentos reflexivos sobre a prática. Assim, a EP se firma como “estratégia”, pois é o momento para repensar a prática a partir da troca de experiências, e a EC, como “programa”, momento em que se teoriza a prática, se atualiza o conhecimento superando suas limitações e/ou suprindo suas necessidades. Dessa forma, é fundamental a compreensão de que são processos diferentes mas complementares, não há como separá-los.

EP E EC POSSIBILITAM UMA EDUCAÇÃO PARA INTEIREZA

A EC quando articulada à EP transcende para a construção de uma identidade profissional consciente, que é produto de sucessivas partilhas e buscas de sentido. Esse encontro da EP com a EC permite, então, uma Educação para Inteira que aguça toda potencialidade estética, ética, comportamental e sistêmica do ser humano.

Essas ideias basilares e as reflexões sobre inteireza resultam dos estudos de Wilber (2001, 2002, 2003, 2006 e 2007), que considera a relevância dos aspectos da

Revista Gepesvida

experiência, dos contornos da consciência, “disponíveis na própria concepção de cada um e que necessitam ser explorados, estudados, compreendidos para que possam nos auxiliar a nos conhecermos (autoconhecimento)” (PORTAL, 2007, p. 290) e nos compreendermos como seres de inteireza numa relação autoheteroecoformativa. É, então, “[...] a consciência de bem-estar resultante de um processo contínuo de harmonização entre os aspectos físicos, psíquicos, sociais, culturais, ambientais (em seu nível de realidade) e espirituais (entre níveis de realidade) em todas as fases de sua existência humana” (POZATTI, 2007, p. 71).

Para Portal (2007, p 290): Inteireza do ser, que tem como preocupação o desvelamento e o estudo mais aprofundado dos elementos constitutivos de uma abordagem integral do ser humano – sua inteireza – compreendendo dimensões inerentes e originais do próprio ser: social, racional, emocional, espiritual, para a compreensão de seus próprios limites e para o planejamento de seu desenvolvimento por meio de um pensar ousado e de uma prática integral. Nesse sentido, podemos afirmar que o corpo, a mente, a sociedade, a cultura, o meio ambiente e o espírito fazem parte da mesma vivência humana, pois são dimensões que se conectam à inteireza.

Para Pozatti (2012, p. 147), Uma Totalidade que passou a ser percebida como uma grande teia consciente e onde conjuntos de complexidades crescentes desta teia possuíam consciência diferente das partes que a constituíam. Além disso, todas as partes tinham consciência, uma interferindo na outra. Esta perspectiva estava sendo conhecida como visão holística da realidade. Ao integrar as diferentes dimensões e simultaneamente transcender todas elas, percebemos que a Educação para Inteireza proporciona aos professores a tomada de consciência de sua vinculação ao todo/parte da existencialidade e do sentido da vida.

Diante dessa perspectiva, propomos um olhar cuidadoso sobre a Educação para Inteireza no sentido de transgredir as fronteiras epistemológicas de cada ciência e transcender um saber articulado ao sagrado, à vida e à espiritualidade, resgatando o sentido do autoconhecimento. Para Wilber (2007a , p. 10), “uma visão integral” [...] procura levar em conta a matéria, o corpo, a mente, a alma e o espírito, assim como aparecem no ser, na cultura e na natureza. É uma visão que procura ser abrangente, equilibrada e completa.

Revista Gepesvida

Portanto, é uma visão que abarca a ciência, a arte e a moral; que inclui disciplinas como a física, a espiritualidade, a biologia, a estética, a sociologia e a oração contemplativa; que se apresenta na forma de uma política integral, uma medicina integral, uma economia integral, uma espiritualidade integral e uma **formação para inteireza**. (grifo nosso). Corroborando a perspectiva de inteireza, Moraes (2004, p. 7) afirma que “[...] todo processo de educação envolve um processo de transformação, vivenciado recursivamente ao longo da vida, revelando, a cada instante, uma capacidade única de auto-organização, de autorregulação dos próprios processos vitais”, que privilegiam o desenvolvimento de um ser integral.

O termo “integral” não tem um sentido de completude, mas de significar e partilhar atributos comuns. Para Wilber (2003, p. 56) o conceito de “integral” leva junto a ação de reconciliar-se, de juntar as partes, unindo e transcendendo para a autoformação. Essa concepção integral passa se articular com a ampliação da consciência humana ao considerar e entender o ser humano em suas diferentes dimensões corpo, mente, coração e espírito, tecidas no equilíbrio da inseparabilidade de suas interações e inter-relações. A dimensão existencial nos é revelada pelos aspectos reflexivos emergentes da EP, num ato em que a intuição, sensibilidade, desejos, sentimentos, imaginação, partilha, vontade e criatividade são aflorados.

Assim, percebemos que a Educação Permanente não se limita apenas à profissão que se exerce, mas a inclui e a transcende para a vida pessoal, numa tentativa de aproximação entre a profissão e seus aspectos humanos, que definem a sua dimensão contemplativa da vida como seres integrais englobando sensibilidade e amorosidade consigo e com os outros. A dimensão experiencial, na qual cada educador tem seu tempo, a seu modo, engendra uma atuação profissional-pessoal que define sua ação, o que demanda uma reflexão existencial (também presente na Educação Permanente), mas que, por sua vez, demanda a ampliação da consciência e a aceitação dos níveis de realidade para, então, marcar intencionalmente seu travessão experiencial e existencial, numa busca de si com os outros, sentido que modifica totalmente nossa postura perante a vida. A EC, ao incluir revisão de conceitos para a construção de estratégias de ação que surgiram das relações sociais experienciadas, assume e compartilha a vida num sentido mais amplo e mais transcendental, numa experiência consciente de ser-sendo integral.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Esse artigo buscou distinguir para então articular as propostas de Educação Permanente (EP) e Educação Continuada (EC) discussão ainda pouco tratada entre os educadores de um modo geral. Hoje, uma abordagem de formação do educador que relaciona educação/vida/espiritualidade tende a ampliar nossa compreensão sobre a Educação para Inteira. Esse é um modo de dar sentido à vida, tornando-nos conscientes de que podemos transcender o nosso processo de educação para além dos aspectos cognitivos e na direção da busca da existencialidade humana.

Consideramos que a Educação pautada na Inteira, reconhece a interatividade e a interdependência entre o sujeito/objeto por educar o homem por inteiro. Essa Educação está nos processos de produção e da vida, de onde emerge o desenvolvimento da inteligência, do pensamento, da consciência e do espírito em diferentes níveis de realidade. Esses aspectos são dependentes e correlatos a outros, também humanos, mas que se encontram numa dimensão mais racional e dizem respeito à racionalidade técnica e prática. Todos esses aspectos humanos estão articulados entre si, e precisam ser repensados. A partir desse enfoque, surgiram inquietações que nos impulsionaram a novas discussões: Como os “fundamentos da educação” serão capazes de nos conduzir à integração de processos de EP e EC rumo à Educação para Inteira?

Pensar um outro modelo de educação capaz de privilegiar o reconhecimento do caráter multidimensional da sociedade e do humano pode ser o primeiro passo rumo à Educação para Inteira. Rever dualismos e pontos de vista que, numa perspectiva reducionista, tendem a se excluir como razão e emoção, mente e corpo, estratégia e programa, pode nos fazer refletir sobre o modo como a unidade complexa da natureza humana é desintegrada ao longo de seu processo de formação (ARRUDA & ARRUDA, 2010). Se considerarmos que nossa cultura privilegiou um paradigma fundado na lógica determinista e dual, podemos compreender o quanto esta simplificação limitou nossa criatividade, resistindo por um longo tempo a adotar metodologias inovadoras para permitir a reflexão sobre a prática, a relação de troca, a construção da inteligência espiritual e emocional que de forma articulada à razão encaminhassem soluções.

A Educação seguiu a razão; sem considerar a totalidade aberta do ser humano, privilegiou apenas seus componentes objetivos e não educou o homem na sua inteireza.

Revista Gepesvida

Portanto, é preciso reinventar a aventura da formação humana levando em consideração as várias dimensões que compõem a vida das pessoas. A discussão teórica aqui apresentada nos coloca diante de uma outra corrente de pensamento, que propõe a criação de um espaço para reflexão a partir da nossa própria experiência prática. Nosso desafio como professores está em mudarmos nossa maneira de estudar e compreender o ser humano para então inaugurarmos um pensamento mais reflexivo e humano de educar.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, M. P., ARAÚJO, A. P., LOCKS, G. A., & PAGLIOSA, F. L.. Educação permanente: uma estratégia metodológica para os professores da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 32(4), 518-524, 2008.

ARRUDA, M. P.; ARRUDA, L. P. O profissional da saúde como um mediador de emoções. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, p. 131-139, 2010.

FREIRE P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz, 2000. BÁRCIA, M. F. Educação permanente no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982. CAPRA, F. O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1998.

CUNHA, M. I. Trabalho Docente na Universidade. In MOREIRA, M. L. da C. (orgs). Pedagogia Universitária: campo de conhecimento em construção. Santa Cruz do Sul: UNICRUZ, 2005. p. 251-265.

BEHRENS, M. A. Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis: Vozes, 2006. FURTER, P. A Educação Permanente na perspectiva do desenvolvimento cultural. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 111-159.

DUARTE, N. Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

FREITAS, C. C. de. Sustentabilidade no ensino superior: uma prática transdisciplinar na educação de professores. Goiania: Kelps, 2008. JOSSO, M-C. Experiências de Vida e Educação. São Paulo: Cortez, 2004.

GADOTTI, M. A educação contra a educação. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GALVANI, P. A autoeducação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In Educação e Transdisciplinaridade, II/coordenação executiva do CETRANS, São Paulo: TRIOM, 2002.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

Revista Gepesvida

MORIN, E. Educação planetária: conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil, 2005. Disponível em: <http://edgarmorin.org.br/textos.php?tx=30>. Acesso em: 05 mar 2019

MORIN, E. O Método 6. Ética. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORAES, M. C. O paradigma educacional emergente. Campinas: Papirus, 1998.

OLIVEIRA, J. F. de. Reforma da Educação Superior: mudanças na gestão e metamorfose das universidades públicas. In PEREIRA, F. M. de A.; MULLER, M. L. R. Educação na interface relação estado/sociedade. Cuiabá: EDUFMT/ Capes, 2006. V.1, p.11-21.

PETRAGLIA, I. C. Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PINILLA, Análida Elizabeth. Educación en ciencias de la salud y en educación médica. Acta Med Colomb, Bogotá , v. 43, n. 2, p. 61-65, June 2018 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-24482018000200061&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2023.

PORTAL, L. L. In MOROSINI, M. C. Enciclopédia de Pedagogia Universitária Glossário. Volume 2. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p.77.

PORTAL, L (et al.). Educação continuada: um interesse institucional na construção da inteireza dos docentes de programas de doutorado em educação de universidades do Rio Grande do Sul. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. ISBN- 978-972-8746-71-1.

PORTAL, L. L. F. Educação para inteireza: um (re)descobrir-se. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 285-296, out. 2007.

POZATTI, M. L. Educação para a Inteireza do Ser – uma caminhada. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 143-159, jan./abr. 2012. POZATTI, M. L. Buscando a inteireza do Ser: proposições para o desenvolvimento sustentável da consciência humana. Porto Alegre: Genesis, 2007.

TESCAROLO, R.; DARÓS, L. Aprendizagem e conhecimento: conexões planetárias. Revista Diálogo Educacional. Curitiba: Champagnat, v.7, n.20, 2007.

COTRIM-GUIMARÃES IMA. Programa de educação permanente e continuada da equipe de enfermagem da clínica médica do Hospital Universitário Clemente de Faria: análise e proposições. Rio de Janeiro; 2009. Dissertação [Mestrado em Saúde Pública] – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca.

*Recebido em maio de 2023.
Aceito em junho de 2023.*